



SERVIÇO NACIONAL JUSTIÇA E NÃO-VIOLÊNCIA

Núcleo Gama - DF Quadra 20 - Casa 55 - S/Leste

Fone: 556-6287 - CEP 7.2400 - Brasília - Brasil

HISTÓRICO DO TRABALHO DE ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO GAMA

O trabalho de Alfabetização de Jovens e Adultos com o método Paulo Freire, se iniciou no Gama, em 1987, quando membros do Serviço Nacional Justiça e Não-Violência - SERPAJ/Brasil - Núcleo Gama, entraram em contato com o trabalho em Ceilândia e, através das observações dos Círculos de Cultura e encontros de formação, foram se apropriando da metodologia.

Em 1988 deu-se início ao primeiro círculo de cultura do Gama e, em 1989, foi aberto o primeiro círculo no Pedregal. Hoje, o trabalho envolve cerca de 25 jovens, como coordenadores e observadores, sendo estes, membros do SERPAJ/Grupos do Gama e Pedregal, da Pastoral de Juventude, dos Grêmios Estudantis Secundaristas, normalistas e outros setores da sociedade, que vêm se preocupando com a erradicação do analfabetismo desde 1987. A participação da UNB, na supervisão deste trabalho, vem contribuindo para o avanço da avaliação metodológica como um todo.

Desde as primeiras reuniões para a discussão da organização do Grupo de Trabalho Pró-Alfabetização - DF, GTPA, estivemos presentes por acreditar ser importante este contato com as diferentes experiências em alfabetização, que vêm ocorrendo no DF, a fim de avançarmos juntos na sistematização destas experiências. Momentos como o: I Encontro Pró-Alfabetização do DF, na UNB, Encontro Pró-Alfabetização em Ceilândia e o I Encontro Pró-Alfabetização de Sobradinho, mostraram a necessidade urgente de estarmos avaliando, constantemente, a realidade da educação no país e, em especial, da alfabetização, a fim de descobrirmos novos rumos para este trabalho.

QUE (H) ISTÓRIA É ESSA?!?

Alfabetização - é aprender a ler...
e a contar.

História?! ... é uma outra história
e se pergunta:

O que é que ALFABETIZAÇÃO tem a ver com História?
e que HISTÓRIA é essa?

Tudo que tem relação com as pessoas, com o ser humano,
tem relação com História:

As pessoas fazem a história, ao mesmo tempo em que se
fazem na história!.

Essa de que vos falo não se trata da (h)istória como 'narrativa histórica, estática e superficial. Aquela que se atém exclusivamente a descrever fatos tidos como dados e acabados, uma (h)istória que se limita a pegar um período histórico e a relatar, quando muito, suas condições econômicas, sociais e políticas, evidenciando os "heróis, os príncipes e o Estado".

Nem tampouco a "ISTÓRIA" descontínua e superficial dos livros didáticos de Estudos Sociais, que se apresenta como a "história" dos acontecimentos estanques, que se revela MÁGICA e ADJETIVA, que pode gerar - como tem gerado - uma visão DESCONEXA de história.

Não. A história que falamos é a que se produz na vida real, vigente, que se forja na relação dos homens com a natureza (espaço), com os outros homens (relações sociais) numa determinada época (tempo). História é construção, é movimento, e em sua essência transformação, são as mudanças pelas quais passam as sociedades dos homens. Conseqüentemente elas são diferentes no tempo e no espaço e por isso vão forjar as bases dos diferentes modos históricos de existência social. Esse movimento, essa interação vai constituir o processo histórico. Não estamos falando de um movimento de sementeiras, de continuação de um crescimento, constituindo-se na evolução ou modificações de uma mesma estrutura que brote sempre no mesmo lugar.

Mas sim, de um movimento de "caleidoscópio", que se configura no remanejamento e/ou superação das estruturas que se

modificam através do tempo.

Enfim, o que queremos frisar é que as relações homem - natureza e homem-homem diferem no espaço e no tempo, configurando a base dos modos históricos de existência social.

O homem se hominiza, aprende a ser homem à medida em que vai se apropriando da sua herança cultural, sócio-histórica fabricada pelas gerações anteriores e em fabricação. O homem é o que produz e como produz - através da sua atividade social, o trabalho.

E nesse processo, chamado trabalho, o homem não só se adapta à natureza como também adapta intencionalmente a natureza às suas necessidades, e essa ação não é solitária e sim solidária, coletiva, logo, social. Assim os homens mantêm o conhecimento proveniente de suas experiências e o transmitem de maneiras variadas no curso da sua história, ao mesmo tempo em que ele produz seus próprios meios de sobrevivência, ele trabalha na natureza moldando-a, fazendo sua história da sua ação sobre a natureza e sobre si próprio e sobre os outros homens.

Na sociedade brasileira, cujo modo de produzir seus meios de existência é capitalista, por conseguinte dividida em classes, o processo da divisão social do trabalho e da propriedade dos meios de produção forja uma valorização do trabalho de alguns em detrimento do trabalho de outros, engendrando valores éticos, morais e religiosos que eternizam a falsa noção de que alguns são melhores que outros, que alguns sabem mais que outros e que por isso mesmo é "natural" que uns mandem, outros executem uns ordenem, outros se submetam.

Temos, portanto, a história dos homens em relação, a história como história da nossa atividade social, o trabalho, através dos tempos e hoje. Passado e futuro estas presentes na nossa realidade concreta, nas ações do cotidiano. Esse conjunto se traduz no que se chama de PRÁXIS HISTÓRICA: uma ação pressupõe a vinculação orgânica de pensamento e ação e a reflexão/refração sobre uma ação também se revela como uma ação.

Dito isto fica fácil constatar o que ALFABETIZAÇÃO tem a ver com essa história assim entendida.

Da necessidade do homem de comunicação, de se expressar de ler, entender o mundo, de transmitir experiências, de registrá-las é que vem se criando as várias linguagens. A história é fixada pela linguagem, logo, não é um produto acabado, está em permanente transformação, na medida em que o homem se transforma e transforma a realidade, fazendo surgir novas necessidades. A

alfabetização, portanto, deve ser vista como um processo de construção da leitura inserido num contexto social mais amplo.

Por isso mesmo a criança que vai ser alfabetizada chega à escola com um passado, posto que desde seu nascimento ela convive com uma gama variada de linguagens (oral, escrita, gestual, visual et que está presente nela como construção da sua compreensão, interpretação e expressão de mundo, sendo imprescindível que seja considerado como ponto de partida para outras leituras.

Vê-se logo que alfabetização conforme a entendemos não tem o sentido da fixação de um código, mas da construção da linguagem escrita, num processo permanente. Estamos constantemente ampliando e fazendo novas leituras, por conseguinte o espetáculo continua, nem começa com a entrada na escola, nem se acaba com o término da escolarização, mantem-se no movimento do homem de construção da sua existência social. Compreender a história é ter a compreensão da nossa própria realidade, da nossa própria existência social. Alfabetizar-se é, também, fazer a leitura dessa existência.